A RESSIGNIFICAÇÃO DA FÉ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A *PISTIS* CANÔNICA E A *GNOSIS* NO EVANGELHO DE TOMÉ

Wesley Lucas da Silva[1]

Resumo

A fé no cristianismo primitivo apresenta nuances complexas. Este artigo tem como objetivo contrastar a fé (*pistis*) no Evangelho de Marcos e sua sutil transição para a busca do conhecimento interior (*gnosis*) no apócrifo Evangelho de Tomé. Compararemos a parábola do grão de mostarda, em Mc 4,30-32 com a parábola do grão de mostarda presente no *Logion* 20, de Tomé. Enquanto Marcos estrutura a fé como um ato de confiança, Tomé dilui o termo priorizando a passagem de um nível de consciência para outro. Esse diálogo contribui para a compreensão da pluralidade teológica e filosófica do cristianismo do século II.

Palavras-chave: Fé. Evangelho de Marcos. Evangelho de Tomé.

1 INTRODUÇÃO

Nas escrituras sagradas dos cristãos ortodoxos, a fé é descrita como sendo a certeza de coisas que se esperam e a convicção de fatos que não se veem, conforme Hb 11,1: "Ora, a fé é a confiança daquilo que esperamos e a certeza das coisas que não vemos". Nesse sentido, a fé exerce um papel de transmitir confiança aos crentes mesmo em meio a ausência de fatos. Ela cumpre um trabalho de consolar os corações das pessoas em situações de dúvidas e medo. A fé pode e deve ser exercida em qualquer situação, mas ela é enfatizada pela cristandade principalmente em circunstâncias desfavoráveis.

[1] Doutorando em Ciências da Religião (UNICAP); Mestre em Práticas e Inovações em Saúde Mental pela Universidade de Pernambuco (UPE); graduado em Letras (UNIVISA). E-mail: wesleylucas910@gmail.com

O filósofo medieval, Agostinho de Hipona, que também era cristão, disse em sua obra O Sermão da Montanha e Escritos sobre a fé, que na religião cristã se pede fé nas coisas que não se pode ver, ele diz:

> Há aqueles que consideram que se deve rir da religião cristã, ao invés de aceitá-la, pois nela é apresentado não o que é visível, mas ao homem é pedida a fé nas coisas que não se veem. Nós, então, para confutar àqueles que consideram prudente não querer crer no que não veem, ainda que sejamos inaptos a mostrar aos olhos humanos a realidade divina na qual cremos, ainda assim mostraremos a mente humana que se deve crer também nas coisas que não se veem (Agostinho, 2017, p. 241).

Agostinho de Hipona corrobora com a ideia de fé escrita no livro de Hebreus. A fé no cristianismo ortodoxo consiste em crer e confiar naquilo que não se pode ver, ou seja, faz-se necessário ter convicção em coisas que não apresentam provas ou evidências. Essa confiança, no entanto, produz descanso na alma humana.

Ainda na primeira epístola do apóstolo João, no capítulo 4 versículo 18, encontramos uma relação entre fé e descansar no amor de Deus. Da mesma forma que a fé no invisível produz descanso e alívio ao coração, a certeza do amor de Deus por nós também provocaria o mesmo efeito, conforme João: "No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor" (1Jo 4,18). Então, compreendemos que o apóstolo João não utiliza a palavra fé na passagem acima, muito embora, o sentido de "fé" em Hb 11,1 se assemelha ao sentido de "amor" em 1Jo 4,18, pois ambas as expressões produzem o mesmo efeito de descanso e confiança no crente.

Do outro lado temos o cristianismo gnóstico, que tem a sua compreensão sobre fé de uma forma diferenciada. Se de um lado, o cristianismo ortodoxo tem a sua concepção de fé mediante uma convicção nas coisas que não se podem ver, do outro lado, o cristianismo gnóstico traz a sua concepção de fé de modo ressignificado. Essa ressignificação

gnóstica da fé aponta para a gnose, que seria um conhecimento encontrado dentro do próprio homem, conforme Ferreira:

> Nela, não se depende apenas de um ser supremo, mas sim do próprio ser humano, por intermédio do conhecimento (gnose). [...] e será preciso que o homem tenha que fazer uma busca interior para conhecer a si mesmo, o que de alguma forma se aproxima de princípios filosóficos da época (Ferreira, 2018, p. 45).

Na visão gnóstica, tanto a fé quanto a soteriologia, se baseia na gnose, esse conhecimento interior. Esse conhecimento não necessita necessariamente de um ser supremo fora de nós, mas do despertar da consciência por meio da interiorização do próprio praticante. Nesse sentido, a atuação de Deus estaria dentro de nós, conforme Ferreira:

> Mediante todo esse cenário o que podemos perceber é que os textos sinóticos mostravam Deus como um ser quase inalcançável, já a literatura gnóstica mostra Deus como uma força atuante dentro de cada um de nós. Mas para que isso pudesse acontecer, teria que termos uma conexão com nós mesmos; tínhamos que estar em contato com uma emanação que para os gnósticos reside dentro de cada um de nós. Enquanto isso, o cristianismo ortodoxo iria insistir afirmando que somos totalmente dependentes de Deus (Ferreira, 2018, p. 41).

Então pontuamos essas duas visões de duas escolas cristãs presentes na igreja primitiva. A primeira, a escola do cristianismo ortodoxo, que relaciona o sentido de fé com a convicção das coisas que não se podem ver. A outra escola, do cristianismo gnóstico, relaciona sua fé com o princípio da interiorização conhecido como gnose, que é um conhecimento precedido por uma meditação do indivíduo.

2 A FÉ PRESENTE NA PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA EM MC 4,30-32

Uma marca forte de Marcos é o ritmo narrativo rápido e dinâmico, que apresenta Jesus como alguém constantemente em movimento, realizando obras poderosas e enfrentando as forças do mal. Suas curas e exorcismos não são apenas milagres isolados, mas sinais de que o Reino de Deus está irrompendo na história. Por isso em Marcos, a identidade de Jesus se revela tanto no que Ele diz, quanto, sobretudo, no que ele faz.

O Evangelho segundo Marcos é um texto que foca em ação. As obras de Jesus têm mais ênfase que suas palavras.

Esse livro é geralmente considerado o primeiro dos Evangelhos a ser escrito. Segundo William Barclay (*apud* Lopes, 2006, p. 14), trata-se do "livro mais importante do mundo, visto que serviu de fonte para os outros evangelhos e é o primeiro relato da vida de Cristo que a humanidade conheceu".

Também encontramos no mesmo autor citado acima, a informação de que os outros evangelistas teriam utilizado o Evangelho de Marcos como fonte para escreverem os seus Evangelhos, como vemos a seguir:

> Dos 661 versículos de Marcos, Mateus reproduz 606. Há apenas 55 versículos de Marcos que não se encontram em Mateus, mas Lucas utiliza 31 destes. O resultado é que há somente 24 versículos de Marcos que não se encontram em Mateus ou Lucas. Isso parece provar que tanto Mateus quanto Lucas usaram o Evangelho de Marcos como fonte (Lopes, 2006, p. 14).

Observamos, então, que o Evangelho segundo Marcos é considerado o primeiro dos Evangelhos a ser escrito e que sua ênfase recai nas ações de Jesus, diferentemente do Evangelho segundo Tomé, cujo foco está principalmente em seus ensinamentos.

Também nos interessa saber quem foi o autor do Evangelho segundo Marcos, e conferimos que este Evangelho foi escrito por João Marcos, Segundo Lopes: "O nome completo do autor desse evangelho é João Marcos, sendo que João é seu nome hebraico e Marcos seu nome romano" (Lopes, 2006, p. 14).

O livro de Atos dos Apóstolos informa que João Marcos participou da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé, como atesta At 12,25 que diz: "E Barnabé e Saulo, havendo terminado aquele serviço, voltaram de Jerusalém, levando também consigo a João, que tinha por sobrenome Marcos".

Hernandes Dias Lopes também informa que João Marcos era primo de Barnabé, como segue segundo o autor:

> Em quinto lugar, Marcos era primo de Barnabé (Cl 4:10). Esse fato revela que a família de Marcos era abastada. Sua mãe tinha uma casa que servia de lugar de encontro da igreja primitiva e Barnabé era homem de posses (At. 4:37). Isso também lança uma luz sobre o fato de que Barnabé, além de sua característica de consolador, não desamparou a Marcos, quando este foi barrado por Paulo no seu intento de participar da segunda viagem missionária (Lopes, 2006, p. 15 e 16).

João Marcos era de uma família com posses, podemos perceber esse fato pela informação de que sua mãe tinha uma casa que servia de encontro para os membros da igreja primitiva, e seu primo Barnabé era um homem de condições melhores em comparação aos demais membros daquela comunidade de fé.

Em relação ao nosso tema proposto, que é o tema da fé, discutiremos a partir da parábola do grão de mostarda. No Evangelho segundo Marcos, diz assim:

> Novamente, ele disse: — A que compararemos o reino de Deus? Que parábola usaremos para descrevê-lo? Este se assemelha a um grão de mostarda, que é a menor semente que se semeia sobre a terra. No entanto, uma vez plantada, cresce e se torna uma das maiores hortaliças, com ramos tão grandes que as aves do céu podem fazer ninhos à sua sombra (Mc 4,30-32).

Na passagem acima, podemos observar o reino de Deus na representação da palavra e da fé nos ensinamentos de Jesus. Hernandes Dias Lopes, em seu livro Marcos: o evangelho dos milagres, acerca da figura da semente de mostarda presente nesta parábola, diz: "Foi usada para representar uma fé pequena e fraca" (Lopes, 2006, p. 249).

Ainda o mesmo comentarista mostra que a parábola do grão de mostarda também aponta para o crescimento da fé. A semente é pequena mas o seu crescimento é notável, conforme Lopes: "A parábola do grão de mostarda é a história dos contrastes entre um começo insignificante e um desfecho surpreendente".

Atrelado a isso, Hb 11,1 mostra uma definição mais consistente a respeito da fé, a saber: "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem". E, também, trazemos 1Jo

4,18 que diz: "No amor não há medo; pelo contrário, o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo implica castigo".

Pontuamos que na parábola do grão de mostarda, presente em Mc 4, 30-32, aponta para o crescimento do Reino de Deus e da fé, como algo que começa pequeno, mas cresce de maneira notável. Hb 11,1 define o conceito de fé de maneira mais objetiva, como sendo a certeza das coisas que se esperam e que não podem ser vistas. E, por último, 1Jo 4,18 traz a expressão "amor de Deus", que em seu contexto pode ser substituída por "fé em Deus". Nesse sentido a fé em Deus lança fora todo medo, ou seja, produz descanso e pacifica a alma.

3 A FÉ NA PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA NO *LOGION* 20 DO EVANGELHO DE TOMÉ

O Evangelho segundo Tomé é considerado um Evangelho gnóstico. Porém, este Evangelho não adentra em alguns pontos gnósticos como dualidade ou maniqueísmo. Este Evangelho faz uso do princípio de interiorização gnóstico por meio do conhecimento interno ou gnose, esse conhecimento interno seria o que Jesus pretende despertar nos seus semelhantes, a saber: seu próprio estado de consciência, conforme Leloup:

> É a esse propósito que já tem sido dito que o Evangelho de Tomé é um "Evangelho gnóstico", indicando com toda a precisão que se trata de uma gnose "não dualista", que não deve ser confundida com certas formas de gnosticismo dualista ou maniqueísta. Com Efeito, neste Evangelho, Jesus aparece como um Ser que procura nos despertar para o seu próprio estado de consciência (Leloup, 2022, p. 9).

Em relação a parábola do grão de mostarda, no *logion* 20, Jesus, o Vivente, diz:

> Os discípulos perguntaram a Jesus: Dize-nos a que se assemelha o Reino dos Céus? Ele lhes respondeu: Ele é semelhante a um grão de mostarda, a menor de todas as sementes; quando cai em terreno lavrado, torna-se um grande arbusto que serve de abrigo às aves do céu (Leloup, 2022, p. 82).

Semelhante a passagem de Mc 4,30-32, o *logion* 20 do Evangelho segundo Tomé traz a ideia de que o Reino de Deus, também podendo ser compreendido como "fé", começa como algo pequeno, e de acordo com o que se segue no interior do homem, essa fé crescerá muito. Aqui vemos o crescimento dentro do interior do ser humano. À medida que o homem alimenta a sua fé dentro de si, seu coração e sua mente crescerá na fé do Reino de Deus, crescendo também em maturidade espiritual no âmbito da sua individualidade.

A espiritualidade presente no Evangelho segundo Tomé traz em si a essência da psicologia gnóstica, que trata do princípio hermenêutico de passar de um nível de consciência para outro, conforme o livro Doutrina Secreta Gnóstica – "Através da psicologia gnóstica, o estudante pode estudar e compreender profundamente a ciência da alma, da divina *Psiche*, perscrutando diretamente o fantástico e desconhecido mundo da mente e da consciência" (Bunn, 2012, p. 23).

Observamos que o Evangelho de Tomé, sendo um Evangelho considerado gnóstico, carrega o princípio da psicologia gnóstica. O princípio gnóstico presente neste Evangelho se refere ao despertar do mundo da mente, que seria a representação das ilusões e vícios, e adentrar na realidade, que seria o plano da consciência.

Por outro lado, a fé também pode crescer no âmbito coletivo. Jean Leloup comentando o Evangelho de Tomé diz: "A menor de todas as sementes pode dar origem ao maior dos arbustos [...] Um só homem vigilante pode fazer com que venha a se erguer uma nova humanidade [...]". Nesse sentido, podemos compreender que através de um homem que despertou do plano mental para o plano da consciência, uma nova humanidade pode surgir. Isso nos mostra que a fé começa pequena, apenas com uma pessoa, e logo poderá crescer atingindo muitas outras pessoas até se formar uma grande comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da parábola do grão de mostarda presente em Mc 4,30-32 e do *logion* 20, do Evangelho Segundo Tomé, mostra-nos que a fé em ambos os textos apresenta uma ideia de crescimento. Em Marcos, o grão de mostarda representa uma fé pequena e fraca, mas que pode crescer de maneira notável se o homem tiver o seu interior aberto para tal. No Evangelho segundo Marcos podemos notar a parábola do grão de mostarda trazendo um começo insignificante seguido de um desfecho surpreendente.

No Evangelho de Tomé encontramos a ideia tradicional de crescimento da fé, acrescida também de outros dois elementos. O primeiro deles é a interpretação da parábola com resultados no âmbito coletivo. O despertar do campo mental para o campo da consciência pode fazer que o crescimento não aconteça apenas na vida individual do desperto, mas através dele, uma comunidade toda pode se levantar no mesmo propósito. O segundo elemento enfatiza a psicologia gnóstica com sua atuação e transição entre mente e consciência. Ao se deparar com a parábola do grão de mostarda, o receptor poderá ter um insight, essa percepção interna que o levará a despertar do estágio das ilusões e renascer em uma vida real e mais significativa.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*. São Paulo: Paulus, 2017.

BESANT, Annie. *Cristianismo esotérico*. São Paulo: Madras, 2015.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Transformadora. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BUNN, Karl. *Doutrina Secreta Gnóstica*. São Paulo: Edisaw, 2012.

FERREIRA, Fabio. *Meditação e Gnose*. São Paulo: Edisaw, 2017.

LELOUP, Jean. *O Evangelho de Tomé*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOPES, Hernandes. *Marcos*. São Paulo: Hagnos, 2010.

SUZUKI, Daisetz Teitaro. *Uma Introdução ao Zen-budismo*. São Paulo: Mantra, 2019.